

DIVULGAÇÃO

ARTIGO

O maior desafio não está em criar, mas sim em dar continuidade ao legado » 2



CULTURA

Produtora mostra que cultura também se faz com acesso e gestão » 4



DIVULGAÇÃO

Aprender a ler também é entrar no mundo digital

Com 73,9% dos idosos capixabas conectados, alfabetização amplia autonomia, ajuda a vencer novas barreiras e interligar a terceira idade no mundo virtual » 3

ILUSTRAÇÃO/ESHOJE



RICHARD SUAREZ

A difícil arte de ir e deixar o legado continuar

Sucessão é uma daquelas palavras que quase ninguém gosta de colocar na pauta, até o momento em que ela deixa de ser uma possibilidade distante e se transforma em urgência. Nas empresas familiares, esse tema vai muito além da troca de comando. Ele envolve emoções, patrimônio, identidade, história e, principalmente, o futuro daquilo que foi construído ao longo de décadas com esforço, sacrifício e decisões difíceis.

Muitos fundadores acreditam que continuidade significa manter o controle absoluto do negócio pelo maior tempo possível. E esse talvez seja um dos maiores erros quando o assunto é sucessão. É natural que quem criou uma empresa tenha dificuldade em dividir decisões estratégicas, compartilhar informações ou permitir que outra pessoa assuma responsabilidades que sempre estiveram concentradas em suas mãos. Afinal, o negócio costuma carregar muito mais do que números: carrega sonhos, renúncias e uma trajetória de vida inteira.

O problema é que prolongar esse controle além do necessário pode se transformar em uma armadilha silenciosa. A sucessão acon-

tecerá de qualquer forma. A única diferença é se ela será conduzida de maneira planejada, estruturada e saudável — ou se acontecerá em meio a conflitos, imprevistos e rupturas traumáticas.

Uma sucessão bem conduzida não envolve apenas a transferência de um cargo ou de um CNPJ. O que realmente está em jogo é o capital emocional da empresa: sua cultura, seus valores, os relacionamentos construídos ao longo dos anos, a confiança de clientes, fornecedores e equipes. Tudo isso é muito mais frágil do que parece e pode se perder rapidamente quando faltam diálogos, clareza e preparo.

Os processos de sucessão mais bem-sucedidos têm característi-

cas em comum: acontecem com antecedência, contam com conversas sinceras e possuem uma estrutura clara. Não se trata de uma decisão tomada em uma reunião extraordinária ou em um momento de crise. A sucessão começa muito antes, no desenvolvimento gradual de lideranças, na preparação emocional da família, na criação de espaços de mentoria e na construção de confiança entre gerações.

Outro ponto fundamental é a governança. Regras, papéis e limites precisam ser definidos com transparência, especialmente quando existem múltiplos herdeiros ou perfis muito diferentes dentro da família empresária. Aquilo que não é conversado ten-

de a se transformar em ruído, ressentimento e disputa.

Também é importante entender que sucessão não significa criar uma cópia do fundador. O sucessor precisa conhecer a história da empresa, respeitar seus valores e compreender o legado recebido, mas também precisa ter liberdade para construir novos caminhos. Empresas que sobrevivem por gerações conseguem equilibrar tradição e evolução.

Quando a sucessão é encarada como parte da estratégia do negócio, os benefícios aparecem em diferentes níveis. As equipes se sentem mais seguras ao perceber clareza e justiça nos processos internos. Clientes e fornecedores ganham confiança ao enxergar

estabilidade. E os próprios fundadores conseguem viver essa transição com mais tranquilidade, sabendo que a empresa continuará em boas mãos.

No fim, legado não é apenas aquilo que alguém deixa para trás. Legado é aquilo que continua existindo, evoluindo e fazendo sentido mesmo depois que o fundador sai de cena.

A verdadeira força de uma liderança não está somente no que ela constrói enquanto está no comando, mas na capacidade de garantir que aquilo continue relevante, sólido e sustentável no futuro. Porque a sucessão não representa o fim de uma história. Representa o fôlego necessário para que ela continue.

PUBLICAÇÃO LEGAL

EDITAIS • COMUNICADOS • BALANÇOS • CONVÊNCÕES • PRESTAÇÕES DE CONTAS

bianca@eshoje.com.br

D4Sign

BDC COMUNICAÇÕES LTDA
23895081000130

Aplicado



h) ESHOJE QUARTA-FEIRA, 15 DE JULHO DE 2026 || WWW.ESHOJE.COM.BR || BIANCA@ESHOJE.COM.BR || ANUNCIE: (27) 2180-0678 PAG.1

Associação de Taekwondo da Grande Vitória

(CNPJ nº: 31.752.041/0001-68)

Edital de Convocação

Pelo presente EDITAL, a Presidente Executiva da Associação de Taekwondo da Grande Vitória, CNPJ nº 31.752.041/0001-68, no uso de suas atribuições estatutárias (artigo 20), convoca os associados e atletas, em pleno gozo de seus direitos, a comparecerem à Assembleia Geral Extraordinária (AGE) desta Associação, a realizar-se no próximo dia 31 de julho de 2026, sendo a 1ª convocação às 11:00 horas, com a maioria absoluta dos associados, e 2ª convocação 30 minutos após (11h30min), com qualquer número de associados presentes, na sede da organização, situada na Rua Coutinho Mascarenhas nº 23, Centro, Município de Vitória, Estado do Espírito Santo, CEP: 29015-310, para deliberarem sobre a seguinte ordem do dia: **Ordem do dia da Assembleia Geral Extraordinária de 31 de Julho de 2026:** 1. Eleição e posse da Diretoria Executiva, do Conselho de Atletas e do Conselho Fiscal para o mandato de 01 de agosto de 2026 a 31 de julho de 2030. São Paulo, 08 de julho de 2026. **Manuela Peçanha Feliz - Presidente Executiva. (14, 15 e 16/07/2026)**

Publicação Legal é aqui

Q <https://eshoje.com.br/noticias/publicacao-legal/>

Contato:
bianca@eshoje.com.br/
27 2180-0678



Seja no impresso ou no digital,
Publicação Legal é aqui.

Contato Comercial
Bianca Coutinho
bianca@eshoje.com.br
27 2180-0678



D4Sign 90c5a8de-0965-4954-a705-b0278b6e679b - Para confirmar as assinaturas acesse <https://secure.d4sign.com.br/verificar>
Documento assinado eletronicamente, conforme MP 2.200-2/01, Art. 10º, §2. Brasil



A opinião dos colunistas
não reflete o posicionamento
do veículo.

TIRAGEM: Publicação digital e impressa
CIRCULAÇÃO: Grande Vitória e digital
PERIODICIDADE: Diários

Rua Carlos Lindenberg, 40.
Ed San Gennaro, sala 201. Jardim
Camburi. Vitória ES. Cep 29092-110
Tel. 27 2180-0678
www.eshoje.com.br
redacao@eshoje.com.br

DIRETOR GERAL
Carlos Roberto Coutinho
carlos@eshoje.com.br

DIRETORA ADMINISTRATIVA
Bianca Coutinho
bianca@eshoje.com.br

DIRETORA DE REDAÇÃO
Daniele Coutinho - MTB/ES 2694-JP
danielcouthinho@eshoje.com.br

PROJETO GRÁFICO
Renon Pena de Sá
www.ellaform.com.br

FOTOGRAFIAS
Arquivo
redacao@eshoje.com.br

DIAGRAMAÇÃO
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

REDAÇÃO
Carolina Bouer
Eduardo Aencar
Esthefany Mesquita
Giulia Reis
Karla Silveira
Mariana Cicilioti
PH Caetano
Pedro Rocha

SIGA NOSSAS
REDES SOCIAIS:

/eshoje
 @eshoje
 eshoje
 eshoje

Mais do que letras, autonomia

Em uma sociedade cada vez mais digital, alfabetização amplia a independência dos idosos

CAROLINA BOUERI
jornalismo@eshoje.com.br

"Água em que eu quero mergulhar é esta aqui." A resposta de Reni Meideiros, ao trocar as aulas de nata-ção pelas de alfabetização na Pra-ça CEU de Nova Rosa da Penha II, em Cariacica, resume uma trans- formação que vai muito além do aprendizado das letras. Aos mais de 60 anos, ela decidiu enfrentar um desafio que muitos acreditam ter prazo de validade: aprender a ler e escrever.

Se há algumas décadas a alfa- betização significava, principal- mente, conseguir ler um jornal, escrever uma carta ou assinar o próprio nome, hoje ela ganhou novos contornos. Em uma socie- dade em que consultas médicas são agendadas por aplicativos, serviços públicos migraram para plataformas digitais e até operações bancárias acontecem pelo celular, dominar a leitura tornou-se também uma ferra- menta de inclusão, autonomia e participação social.

Os dados mais recentes do Ins- tituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ajudam a ilus- trar essa mudança. No Espírito Santo, 73,9% das pessoas com 60 anos ou mais utilizaram a inter- net em 2025, índice superior aos 69,7% registrados no ano an- terior. Também cresceu o acesso ao telefone celular entre essa popu- lação: hoje, 81,9% dos idosos pos- suem aparelho para uso pessoal.

Os números revelam um ce- nário de maior conectividade, mas também evidenciam um novo desafio. Estar conectado não significa, necessariamente,

THIAGO COUTINHO/SEDU



Saber ler e escrever é também participar de forma ativa da sociedade"

Mariane Berger, gerente do EJA



Mais do que aprender a ler, alunos do Projeto Ler para Crer, em Cariacica, ressignificam atos corriqueiros do dia-a-dia

conseguir navegar com autono- mia por aplicativos, interpretar mensagens, acessar serviços pú- blicos ou identificar informa- ções confiáveis. Para muitos ido- sos, a inclusão digital começa antes da tecnologia: começa pe- la alfabetização.

É justamente esse o caminho percorrido pelos participantes do projeto Ler para Crer, encer- rado neste mês em Cariacica. Durante cinco meses, idosos participaram de encontros se- manais inspirados na metodo- logia de Paulo Freire, que com- binaram leitura literária, escri- ta, interpretação de textos e co- nhecimentos matemáticos apli- cados ao cotidiano.

Ao longo das aulas, aprende- ram a formar palavras e frases, produzir bilhetes e cartas, com- preender bulas de medicamen- tos, interpretar diferentes gêne- ros textuais, ler relógios analó- gicos e digitais e desenvolver operações matemáticas presen- tes nas atividades do dia a dia. O contato com obras de autores como Rubem Alves, Carolina

Maria de Jesus, Cora Coralina, Djamilia Ribeiro, Braulio Bessa e da escritora capixaba Cinthia Pretti também aproximou os participantes da literatura co- mo espaço de memória, identi- dade e pertencimento.

Mais do que ensinar conteú- dos escolares, a iniciativa bus- cou devolver aos participantes algo muitas vezes negado ao longo da vida: a possibilidade de fazer escolhas com mais in- dependência.

LER O MUNDO

Embora o Brasil tenha reduzi- do significativamente o analfa- betismo nas últimas décadas, a maior parte das pessoas que ainda não sabem ler e escrever pertence justamente à popu- lação idosa. Segundo a gerente da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Secretaria da Educação (Sedu), Mariane Berger, essa re- alidade reflete um período em

que o acesso à escola estava lon- ge de ser universal.

"Muitas pessoas precisaram abandonar os estudos ainda na infância para trabalhar ou sim- plesmente não tinham escolas disponíveis, principalmente nas áreas rurais. Essas marcas históricas ainda aparecem nos indicadores atuais", explica.

Para ela, compreender a alfa- betização apenas como o domí- nio das letras é reduzir o seu verdadeiro alcance.

"Ser alfabetizado é muito mais do que dominar a leitura e a escri- ta. É compreender informações, interpretar a realidade, exercer di- reitos, tomar decisões e participar de forma ativa da sociedade."

Essa compreensão torna-se ain- da mais importante diante da transformação digital vivida pe- lo país. Mariane destaca que a al- fabetização e o letramento digi- tal caminham juntos e represen- tam condições cada vez mais ne-

cessárias para a vida cotidiana.

"Aprender a ler e escrever tam- bém significa desenvolver habili- dades para utilizar tecnologias presentes na rotina, como aplica- tivos bancários, plataformas de serviços públicos, o SUS, o Gov.br e as redes sociais. Essas compe- tências precisam caminhar jun- tas para que as pessoas utilizem esses recursos com autonomia, segurança e senso crítico."

Ela avalia que o crescimento do acesso dos idosos à internet demonstra interesse em partici- par desse universo, mas lembra que a tecnologia exige outras competências além do simples acesso ao aparelho.

"O domínio da leitura, da es- crita e da compreensão facilita significativamente esse proces- so, permitindo pesquisar infor- mações, acessar serviços, identi- ficar conteúdos confiáveis e par- ticipar com mais segurança do ambiente digital."

Não há idade para aprender

ILUSTRAÇÃO/ESHoje



A alfabetização vai além de ler e escrever: promove cidadania

ALÉM DE ampliar a autono- mia, a alfabetização produz impactos que alcançam dife- rentes aspectos da vida. Se- gundo Mariane Berger, trata- se de uma atividade que estu- mula memória, atenção, con- centração e raciocínio, fortale- ce a autoestima, amplia as relações sociais e favorece o exercício da cidadania.

Enquanto o Brasil envelhece e se digitaliza, iniciativas co- mo a desenvolvida em Nova Rosa da Penha mostram que aprender continua sendo um

direito sem prazo de validade. Afinal, se antes a alfabetização abria as portas da escola e do mercado de trabalho, hoje ela também abre as telas dos ce- lulares, dos aplicativos e dos serviços públicos digitais.

Como resume a própria ges- tora da EJA, "alfabetizar uma pessoa idosa é garantir mais autonomia, fortalecer a cida- dania e abrir portas para que ela participe ativamente da sociedade, com dignidade, confiança e maior compreen- são da realidade social."

NÚMEROS

73,9%

dos idosos capixabas estão conectados à internet

8,4 mi

de brasileiros são analfabetos; desses, mais de

50%

tem mais de 60 anos

Raffaella amplia os rumos para a cultura no Estado

Produtora cultural une gestão, formação e acesso a editais para fortalecer o setor criativo

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

A cultura contemporânea vai além da criação artística. Ela exige planejamento, gestão e conhecimento dos mecanismos de financiamento capazes de transformar ideias em projetos sustentáveis. É nesse cenário que atua Raffaella Conceição, produtora cultural, gestora, educadora social e multiartista, cuja trajetória tem como foco fortalecer artistas, coletivos e instituições por meio da qualificação e da democratização do acesso às políticas públicas de cultura.

Graduada em Artes pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Raffaella reúne experiências nas áreas de produção, formação e economia criativa. À frente da Manifestação Criativa — Projetos Culturais, desenvolve consultorias, mentorias, oficinas e gestão de projetos, acompanhando todas as etapas, da elaboração à prestação de contas. O trabalho busca reduzir barreiras de acesso aos editais, ampliar o conhecimento sobre leis de incentivo e contribuir para a profissionalização dos agentes culturais.

Mais do que orientar projetos, sua atuação procura fortalecer uma rede cultural mais inclusiva, preparada para acessar oportunidades de financiamento e ampliar o alcance de iniciativas que pro-



Artista, educadora social e produtora, Raffaella Conceição orienta artistas a participar de editais

movem desenvolvimento social e valorização da produção artística.

Na entrevista a seguir, Raffaella Conceição fala sobre os desafios da gestão cultural, a importância da formação de produtores e artistas e o papel da informação na construção de um setor mais acessível, democrático e sustentável.

ES Hoje: Como surgiu a Manifestação Criativa e qual é sua principal missão?

Raffaella Conceição: Surgiu da união entre minha trajetória como artista, educadora social e produtora cultural. Percebi uma grande lacuna no acesso à informação e ao conhecimento sobre as oportunidades de fomento para artistas que desenvolvem trabalhos relevantes em seus territórios, mas encontram dificuldades para acessar editais, leis de incentivo e outras formas de financiamento. Não é fácil conciliar a prática artística com o estudo da gestão cultural, das legislações e dos editais. A linguagem burocrática ainda representa uma barreira e faz com que a orientação técnica

seja um caminho importante para ampliar o acesso aos mecanismos de fomento. Foi desse incômodo que surgiu a Manifestação Criativa: para aproximar artistas das oportunidades de financiamento e mostrar que elaborar um projeto cultural não precisa ser um processo inacessível. Hoje atuamos com elaboração de projetos, produção executiva, prestação de contas, consultorias, mentorias e oficinas, traduzindo a linguagem dos edi-

tais de forma clara e acessível. Nossa missão é orientar artistas, coletivos, institutos e trabalhadores da cultura para que possam acessar recursos, desenvolver seus projetos e exercer seus direitos culturais.

Quais são os maiores desafios para democratizar o acesso aos editais e às leis de incentivo?

O maior é fazer com que os artistas acreditem que eles também podem acessar esses recur-

sos. Em pouco mais de um ano de Manifestação Criativa, acompanhei diversos artistas na elaboração de seus primeiros projetos, e muitos acreditavam que sequer eram capazes de participar de um processo seletivo. A desigualdade no acesso à informação e a linguagem técnica reforçam a ideia de que apenas quem domina esse universo pode acessar os recursos. Embora a burocracia seja necessária para garantir transparência, ela ainda distancia muitos artistas. Por isso, acredito que democratizar o fomento exige investir em formação e fazer esse conhecimento chegar aos territórios.

Como a formação artística influencia sua atuação como gestora e produtora cultural?

Ser artista me permite compreender os desafios de conciliar a criação artística com a produção cultural, principalmente para quem vem da periferia e enfrenta dificuldades para viver da arte. Essa vivência influencia diretamente minha atuação. Ao elaborar projetos e orientar artistas, procuro compreender a realidade de cada território e o impacto de cada iniciativa. Entendo o recurso financeiro como uma ferramenta para potencializar ações e trazer dignidade para quem vive da cultura. Essa forma de atuar nasce da minha sensibilidade, da criatividade e do pensamento crítico que a arte proporciona.

Que orientações têm artistas e coletivos que desejam estruturar seus primeiros projetos culturais?

Primeiramente, acreditar na própria ação cultural. Muitos artistas já transformam seus territórios por meio da arte; o desafio é aprender a comunicar esse impacto e adaptá-lo aos critérios de um edital, sem perder sua essência. Também recomendo buscar formação, construir redes de apoio e construir parcerias e contratar, quando possível, profissionais da área. Hoje existem diversos cursos e materiais gratuitos que tornam esse conhecimento muito mais acessível do que quando comecei. Foi acreditando nisso que iniciei a Manifestação Criativa. Meu objetivo é fazer com que mais artistas acreditem no seu potencial, compartilhem conhecimento e deem o primeiro passo para acessar oportunidades que também são deles por direito.



“Não é fácil conciliar prática artística e gestão. A burocracia representa uma barreira”



Planejar projetos culturais amplia acesso a políticas públicas